

Documentários em busca de um País

Cristina Teixeira Vieira de Melo¹

Resumo

O Brasil deixou de ser visto como o país da harmonia racial, cultural e social. Hoje, as palavras de ordem são diversidade e diferença. Nesse trabalho, analisamos como essa diversidade é retratada em dois documentários que causaram grande polêmica em território nacional e no exterior: *Notícias de uma guerra particular* (1999) e *O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas* (1999). Estes documentários focalizam questões como violência urbana, desigualdade social, identidade cultural, relação cidade/periferia, e funcionam como reflexo das mudanças pelas quais o país vêm passando nos últimos anos. A partir de um estudo que se apóia nos fundamentos teóricos da Análise do Discurso, apontamos como tomam corpo nestes filmes os processos de reconfiguração discursiva sobre a identidade nacional.

Introdução

Desde a década de 30, especialmente sob a influência de Grierson², associa-se o filme documentário à obrigatoriedade de uma responsabilidade social. No Brasil, o documentário tem, de fato, desempenhado um forte papel de crítica. Fome, falta de condições de moradia, violência, tráfico de drogas e desemprego são temas freqüentes dos documentaristas, que, muitas vezes, tomam para si a função de denunciar os problemas que assolam a grande massa de excluídos. Neste contexto, o cinema documental cumpre o importante papel de mediadores das classes menos favorecidas. Segundo Schollammer (2000:171), “o cinema brasileiro atual providencia representações complexas da experiência urbana, encenando superações de medos e angústias, assim como encontros com o ‘outro’, o excluído, o escuro [...] É característico que os filmes atuais se esforcem para abrir novas locações para lugares – o centro, os bairros marginais, as favelas, a zona norte etc – que não só se situam fora da imagem comum da cidade como também, às vezes, são inacessíveis para maioria do público do cinema, isto é, a classe média.”

Os documentários objetos de estudo deste artigo se propõem a discutir a violência urbana no Brasil. Para tanto, dão voz ao ‘outro’, um ser excluído, marginalizado, discriminado, vítima da violência. Quanto à forma, tanto *Notícias* quanto o *Rap* não utilizam a

¹ Professora UFPE.

² Cineasta da chamada escola inglesa de documentários.

figura do locutor, sendo construídos, exclusivamente, pela sucessão de depoimentos, que, por sua vez, revelam posicionamentos discursivos ora convergentes, ora divergentes. Através da voz dos próprios atores sociais, os documentaristas procuram mostrar porque alguns moradores de favelas e bairros da periferia são levados a ingressar no crime organizado ou terminam apoiando atitudes criminosas.

Implicitamente, a tese sustentada pelos documentaristas é a de que a ausência do Estado no campo da educação, saúde, emprego e segurança faz surgir, dentro das próprias comunidades desassistidas, lideranças que, de uma forma ou de outra, passam a ocupar o lugar do poder oficial. No caso de *Notícias...*, são os traficantes que tomam as rédeas dos morros cariocas. Em *O Rap...*, a ‘proteção’ da região se dá a partir de uma ação individual do justiceiro³ Hélio.

Após assistir à *Notícias* ou ao *Rap*, a idéia de que o Brasil é o país da harmonia racial, cultural e social se desfaz. Como em vários outros lugares do planeta, hoje, é a política da diferença que predomina no território nacional. É isso o que mostram os documentários analisados. Para deixar isto ainda mais claro, nosso estudo aponta, através da análise das escolhas lingüísticas dos entrevistados, os efeitos de sentido estabelecidos no discurso.

Breve contextualização dos documentários

O Rap do pequeno príncipe (1999), dirigido por Paulo Caldas e Marcelo Luna, aborda a questão da violência urbana, tendo por ótica fundamental as diferentes posturas assumidas por jovens da periferia da cidade do Recife na tentativa de remediar a violência de que são vítimas.

As personagens centrais do documentário são: Helinho e Garnizé. Antes de sua prisão e morte, Helio José Muniz Filho, vulgo Helinho, 21 anos, acusado confesso por 44 homicídios, tornou-se um justiceiro no município de Camaragibe, na periferia da cidade do Recife. José Alexandre Santos de Oliveira, mais conhecido como ‘Garnizé’, 27 anos, baterista da banda Faces do Subúrbio, além de músico, ainda hoje desenvolve projetos sociais na mesma comunidade onde Helinho atuava.

³ Expressão utilizada para designar o sujeito que mata não para roubar, mas para vingar a ação de criminosos, ladrões, assaltantes, seqüestradores e estupradores.

Notícias de uma guerra particular (1999), dirigido por João Moreira Sales e Kátia Lund, também é um documentário sobre o estado de violência urbana no Brasil. O cenário é o Rio de Janeiro e as personagens são policiais, traficantes e moradores de favelas que se vêem numa guerra diária e sem vencedores. A nova realidade social do morro, sob o comando dos traficantes, faz com que os moradores vivam sob a negligência da polícia e a truculência do crime organizado.

O bem e o mal na berlinda, relativização de conceitos

Ao narrar histórias de vida tão diferentes, indagamo-nos se era intenção dos documentaristas do *Rap* deixar claro o clichê da eterna luta do bem x mal, materializada nas figuras de Garnizé e Helinho, respectivamente. Observamos, no entanto, que a abordagem é feita de maneira a relativizar os conceitos de bem e de mal, ao menos no que se refere a Helinho, figura polêmica do documentário⁴. Nesse sentido, a estratégia utilizada pelos documentaristas, de contrapor depoimentos a respeito de Helinho que veiculam juízos de valor opostos, é bastante eficiente. Vejamos os exemplos que se seguem:

Garnizé, comentando as ações do justiceiro Helinho:

Cara, eu acho que ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém. Só que [...] porra [...] só o cara pensar em sair de casa, bicho, de manhã cedo e ir tramar, passar o mês todinho ralando, pra no final ganhar um 130 conto, chegar um filho da puta, meter o cano em cima de tu e tomar teu sapato, tomar tua grana e arrombar teu barraco e [...]

Na passagem acima, o operador argumentativo ‘só que’ introduz uma modalização passivadora das ações de Helinho. Ou seja, se de início as ações são condenadas (*ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém*), logo em seguida vem um comentário que ameniza a avaliação inicial. Outros exemplos:

Helinho:

⁴ Garnizé é uma personagem que não suscita polêmica e ao qual são sempre atribuídos valores positivos.

*Me chamaram de pequeno príncipe porque comecei a trabalhar no pagode do Estácio Largo... eu trabalhava de segurança...me botaram esse apelido porque **todo mundo gostava de mim**.*

Mãe de Helinho:

*Eu vejo assim... **ele ser muito querido**, apesar de ter a fama que ele tem.*

Nas duas últimas passagens transcritas acima destaca-se a expressão ‘Pequeno Príncipe’, que remete à personagem da fábula de Antoine de Sain-Exupéry, uma criança boa e caridosa, que cuida de uma rosa e de um carneiro. O maior ensinamento do Pequeno Príncipe foi parafraseado mundo afora como símbolo da manutenção das amizades: “você é responsável por tudo aquilo que cativa”.

Apesar de ser responsável pela morte de pessoas, Helinho não era considerado criminoso, mas um justiceiro; por isso o título de Pequeno Príncipe lhe caía tão bem. Através de suas ações, Helinho ‘cativou’ de tal forma a comunidade de Camaragibe que, à época em que encontrava-se preso, os moradores pediram, através de um abaixo assinado, a sua libertação, considerando-o uma espécie de anjo da guarda.

Carro de som circulando pela comunidade:

*Nossa comunidade pública (incompreensível) tem feito um abaixo assinado pedindo a sua libertação. Centenas de pessoas assinaram o documento que foi encaminhado às autoridades. Nós, moradores dessa comunidade do Vale das (incompreensível), em Camaragibe, junto com os moradores de áreas adjacentes, vimos por meio desse abaixo-assinado, solicitar das autoridades competentes a liberdade do jovem Hélio José Muniz, por ser o mesmo uma **pessoa de nossa confiança, protetor de nossa comunidade**. Comunidade essa que, antes da presença do jovem Hélio, vivíamos atormentados com assaltos, arrombamentos e etc. Depois que o jovem Hélio José Muniz veio morar em nossa comunidade, passamos a ter paz com os problemas de vandalismo, assalto, ou seja, a presença do referido jovem em sua comunidade melhorou em 100% a marginalização em nosso bairro. Outrossim, pedimos com clemência às autoridades competentes para que o referido jovem seja libertado e*

venha fazer parte de nossa comunidade que tanto defendeu por sua atitude em livrar os pais, mães e jovens da marginalização e vandalismo. Na esperança de que venham a cumprir o nosso pedido, nós abaixo assinamos.

“Quem não reage, rasteja”, atitudes subalternas

Segundo Cohn (2001:3), *no atual contexto de globalização das economias e dos mercados, e no decorrente processo de ajuste estrutural que vêm experimentando economias do Terceiro Mundo, a tendência atual é de o crescimento econômico vir acompanhado de um decréscimo da capacidade de criação de novos empregos, e, no caso particular de nossas economias, do volume de postos de trabalho já existentes associado a uma crescente deterioração da qualidade do emprego; e que esse processo traz consigo uma crescente seletividade, seja da força de trabalho empregada, seja dos setores econômicos com capacidade de competitividade no mercado externo.*

Na fala de Garnizé, transcrita abaixo, sobressai, justamente, a preocupação do músico com a falta de mercado de trabalho, em especial nas regiões de periferia:

Garnizé:

*Aparentemente, a gente pensa que Camaragibe é uma cidade pacata do caralho, [...]. E, assim, lá, bicho, é uma cidade dormitório, bicho, **num tem emprego**. A gente só vai lá pra dormir mesmo e trabalhar aqui no Recife, em cidades adjacentes. Cara, aí, eu acho que é **falta de oportunidade**, bicho. Camaragibe **num tem oportunidade, num dá oportunidade pro jovem**, num... E outra que é aquela coisa fechada, bicho. Fábrica pequenininha e poucas pessoas trabalham”.*

O fato de viverem uma situação de miséria, de violência e de poucas oportunidades, é considerado uma justificativa ‘legítima’ para que os sujeitos excluídos enveredem por caminhos que não se adequam às regras sociais, institucionais e legais. Nesse sentido, o contexto que envolve os infratores permite que eles sejam entendidos como vítimas. No trecho abaixo, retirado de *Notícias...*, o traficante Adriano tenta mostrar que o trabalho no tráfico foi a única solução que ele encontrou para ter uma ‘vida boa’.

Adriano, traficante:

Poderia estar trabalhando até num trabalho humilde. Mas... com uma condição de vida boa também, é o que eu não tive. Se eu roubo, [...] não foi pra cheirar cocaína. Se eu fiz, foi porque eu tive que comprar primeiramente comida [...] que eu não posso morrer de fome.

No *Rap*, as atitudes de Helinho também são atenuadas em decorrência do contexto onde vive. Helinho não é visto como um criminoso, mas como um fruto mal compreendido da sociedade.

Herschmann (2000) denuncia o descaso das autoridades brasileiras e a estrutura autoritária e clientelista que promove sistematicamente a exclusão social. Os setores menos privilegiados da população sofrem constantemente dos mais variados tipos de violência, a começar pelo fato de não serem considerados cidadãos, mas subcidadãos. No mesmo sentido, DaMatta (1997) já mostrava que no Brasil a idéia clássica de cidadania como identidade social de caráter nivelador e igualitário não resiste. Aqui, a cidadania é uma questão de sorte, classe social e bons relacionamentos.

Vale ressaltar ainda a menção, no *Rap*, do slogan de autoria do jornalista Cardinot ‘quem não reage, rasteja’⁵, clara alusão à idéia de que os menos favorecidos devem adotar uma postura ativa diante das dificuldades sociais. Como bem colocam Lemos, Azevedo e Brito (2001), o slogan incentiva os menos favorecidos, os injustiçados, a não ficarem esperando pela Justiça (dos homens ou Divina), mas a (re)agir. Nessa perspectiva, as ações de Helinho podem ser vistas como reação a um contexto de opressão. Trata-se de um reflexo condicionado, na medida em que ‘toda ação provoca uma reação’. E as reações se manifestam de formas diversas. Como vemos, Helinho tornou-se um justiceiro; Guarnizé, um baterista de uma banda de rap.

No *Rap*, as músicas tematizam o preconceito, a segregação que atinge os moradores das favelas e bairros periféricos. Portanto, assim como as ações de Helinho, as atitudes de Garnizé também contêm uma forte carga de violência, que se manifesta no nível discursivo. Sobre isto, Rondelli (2000: 147) sustenta que “a violência aparece não só como mero

⁵ Inclusive, uma das cenas do *Rap* foi filmada no estúdio do programa de Cardinot.

fenômeno da agressão física, mas também como linguagem, como ato de comunicação. Não por qualquer decisão consciente de suas vítimas ou praticantes, mas por ser a expressão-limite de conflitos para cuja solução não se pode contar com formas institucionalizadas de negociação política ou jurídica legítimas. [...] o que se expressa é uma determinada forma de cultura política onde a prática da violência tem sido o recurso tradicionalmente usado diante da impossibilidade de se estabelecerem negociações ou consensos sociais mínimos.”

Na mesma direção, Rocha (2000:12) afirma que os jovens da periferia foram criados dentro de uma ‘linguagem da violência’ que lhes conformou a vida e suas relações de sociabilidade, de forma que alguns deles sentem a necessidade criar uma alternativa, um recurso simbólico que lhes seja autêntico e desvencilhe os mesmos do ciclo da violência como ato social. Esse recurso simbólico é representado essencialmente pelos movimentos e estilos musicais ligados à cultura hip-hop, através dos quais eles falam sobre desigualdade, oportunidades, identidades etc.

Garnizé:

A música que eu tou falando é o rap, que é o ritmo e poesia, né. Essa poesia aí, marginal, o ritmo também marginal, que vem da periferia. Falando a verdade mesmo, doa em quem doer, aí. A gente fala pra quem tá afim de escutar: pra preto, pra branco, pra pobre, pra índio, pra amarelo, pra homossexual, pra biker, pra skatista...

Tiger - Faces do Subúrbio:

Pô, a gente... a gente procura relatar o cotidiano, entendeu, o dia a dia. É... mostrar a realidade. Tem que mostrar assim, se a gente tá tendo a oportunidade de chegar numa radio, de falar o que a gente vive, a realidade, numa televisão, pô, a gente vai sair ganhando, muita gente vai se informar. Tá entendendo? Mostrar que a gente tá aqui pra conseguir o espaço que é de direito de cada um de nós.

Ainda com relação ao slogan ‘quem não reage, rasteja’, lembremos a cena que se repete no início e no final do *Rap* de um homem rastejando no dia da procissão de Nossa Senhora. Vemos uma clara relação entre essa cena e o slogan do jornalista Cardinot,

veiculado no *Rap*. De um lado estão os que reagem; do outro, os que rastejam, os que se conformam com as situações de injustiça e desigualdade social

O Eu x o outro na disputa pelos sentidos

Em *O Rap*, temos as expressões ‘fazer uma limpeza’, ‘limpar’ e ‘detonar’ que sugerem a eliminação dos maus elementos, que, por sua vez, são chamados de ‘almas sebosas’, ‘raça podre’, ‘ladrão’, ‘assaltante safado’ e ‘traficante’.

Garnizé:

Helinho já tinha feito umas limpeza por lá e foi morar em Camaragibe e se envolveu com uma galera lá que começou a detonar uma raça podre que tinha lá.

Justiceiro:

Rapaz, a gente faz é limpar a cidade, é tirar as alma sebosas, os ladrão, é assaltante safado, traficante.

Justiceiro:

Alma sebosas, meu irmão, é aquele (incomp), vou-lhe explicar, vou esclarecer a parada a você. Alma sebosas é aquele cara que, ele num serve pra nada, ele é um inútil, um indigente.

Delegado:

Bem, eu não gosto de me reportar a isso não, porque essa expressão alma sebosas é uma expressão... sem nível, certo? É uma expressão de marginal para marginal, certo?. E eu, como autoridade, acho que o que dizem por aí de alma sebosas são pessoas que não têm uma conduta perfeita, que é um desajustado, que é isso, que é aquilo, tal... Mas não sou nenhum psicólogo, não sou nenhum cientista político, num sou nenhum... Se ele achava que era alma sebosas, é a maneira que ele tem, ou que teve na oportunidade de se expressar, dizer que o pessoal era alma sebosas. Mas eu

jamais diria que as pessoas que ele tirou a existência era alma sebosa. Eram um ser humano, como nós outros.

No exemplo acima, verificamos que para o delegado, a expressão ‘alma sebosa’ pode ser usada como sinônimo de ‘justiceiro’ (é uma expressão de marginal para marginal). No entanto, para a população local existe uma linha divisória entre esses dois grupos (por isso são designados de maneira distinta). O primeiro é considerado perigoso, criminoso; o segundo, contrariamente, é admirado e valorizado como herói.

Pêcheux e Fuchs (1990) explicam que o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras, expressões, proposições, são produzidas. Se uma palavra, expressão ou proposição, puder pertencer a mais de uma formação discursiva poderá ter mais de um sentido, não por questões de ambigüidade gramatical, mas porque as condições de produção determinam e limitam o sentido de um enunciado. Assim, dependendo de onde socialmente se fala, ou se ouve, o mesmo discurso pode ter implicações e conseqüências distintas. A formação discursiva é a perspectiva pela qual se produzem e se interpretam os enunciados.

A noção de formação discursiva autoriza também relações parafrásticas de substituição. Determinadas expressões, que no dia a dia não são usadas como equivalentes, são tomadas como sinônimas dentro de uma mesma formação discursiva. Fica claro, portanto, que certas equivalências só valem no interior de uma mesma formação discursiva, como no caso de ‘fazer uma limpeza’, ‘limpar’ e ‘detonar’.

Já que estamos falando de sentido das palavras, gostaríamos de chamar atenção para o sugestivo título do *Rap*. Uma análise de natureza sintática mostra o seu caráter ambíguo. Antes de qualquer gesto de interpretação, é preciso estabelecer os referentes de ‘Pequeno Príncipe’ e ‘almas sebosas’. A partir do conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado, somos capazes de inferir que ‘Pequeno Príncipe’ refere-se a Helinho; e que ‘alma sebosa’ designa os criminosos de toda ordem - ladrões, estupradores e assassinos. O enunciado *O rap do Pequeno Príncipe contra as almas sebosas* pode ser lido pelo menos de duas formas: 1) O rap composto *pelo* Pequeno Príncipe, 2) O rap *sobre* o Pequeno Príncipe.

No primeiro caso, se lemos literalmente, temos a seguinte interpretação: um rap composto pelo Pequeno Príncipe (Helinho) contra as almas sebosas (criminosos). Essa interpretação soa estranha, porque sabemos que Helinho não é rapper (essa é a posição de Garnizé). Porém, podemos interpretar ‘rap’ de maneira figurada, como sinônimo de ‘ação’, de ‘atitude’, criando uma analogia entre as (re)ações físicas de Helinho e as (re)ações discursivas de Garnizé.

No segundo caso (acreditamos que essa é a interpretação preferida), inferimos que o próprio filme assumirá o formato de um rap. Leitura legitimada não apenas pelo fato de Garnizé ocupar o papel de principal narrador da história, mas porque o filme contém inegavelmente elementos da estética hip-hop.

O jogo de polícia e ladrão, região de confrontos

Notícias mostra a nova realidade social dos morros cariocas, que conduz a um redimensionamento de papéis sociais. Nesse contexto, os traficantes assumem o papel do Estado, e a polícia, tradicionalmente vista como uma instituição do bem, é classificada de maneira bastante negativa (não por acaso, diga-se).

Carlos Gregório ‘Gordo’, fundador do Comando Vermelho:

O projeto era paz, justiça e liberdade.... Justiça era fazer justiça, pra que todos..., uma justiça social. O projeto era fazer tudo aquilo, todos os buracos deixados pelo poder o Comando Vermelho entrava. [...] Tudo o que o governo não faz.

Adriano, 29, traficante:

A gente supre aquelas necessidades que às vezes ela precisa né. Que é uma necessidade [...] de comprar um gás [...] de comprar um remédio.

Janete:

Minha filha passa mal, assim, na madrugada [...] Aí eu passei na farmácia, às vezes, eu levo um dinheiro, assim, pra poder comprar um remédio. Mas o remédio é o triplo daquilo que eu trouxe. Aí, eu chego lá, no movimento: - "Minha filha tá doente, eu preciso..." - "Cadê a receita?" - "Tá aqui", - "Me dá", daqui a meia hora o remédio chegou".

No trecho acima destacamos o emprego da palavra ‘movimento’ para designar o ‘tráfico’. Fica evidenciada, portanto, a tese do russo Mikhail Bakhtin (1992:14), quando afirma que “apesar de utilizarem um mesmo sistema lingüístico, classes sociais diferentes criam, a partir do uso discursivo, choques e contradições no interior da própria língua. Isto porque, a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” O signo torna-se, portanto, a arena onde se desenvolve a luta de classes e se confrontam valores sociais diversos. Toda escolha de palavras implica um determinado efeito de sentido. Enquanto os policiais se referem ao tráfico de drogas como ‘crime organizado’ ou simplesmente ‘tráfico’, os moradores dos morros, que, de uma forma ou de outra, são beneficiados com esse comércio, denominam o tráfico de ‘movimento’, o que lhe confere uma conotação social assistencialista. É a noção de formação discursiva, mencionada anteriormente, que vai explicar escolhas lexicais tão diferenciadas ao se nomear os mesmos fatos e pessoas.

No novo contexto social, o tráfico ocupa o papel do Estado e a polícia é vista de maneira negativa. De fato, a experiência mostra que a violência policial contra as camadas populares se expressa não apenas de forma física, através da coerção e da guerra psicológica – ameaças intimidações e retaliações que buscam silenciar protestos e denúncias, criando uma atmosfera de insegurança generalizada.

Janete, moradora:

Antes do tráfico e das armas, era ruim viver no morro, porque a polícia subia chutando portas e levando tudo o que via pela frente. [...] Agora, a polícia sobe com cuidado, porque sabe que o tráfico está muito bem armado.

Janete, moradora:

Se você tivesse um aparelho de televisão bom, um vídeo, eles já levavam. Não queriam saber se você tinha nota fiscal, que comprou na loja. Eles diziam que era coisa de ladrão, mesmo a pessoa sendo honesta.

Maurinho, traficante:

*Eu tava assim abaixado. Aí o policia disse ‘levanta aí’. Aí, **apontou pra minha perna e atirou. Eles pegam o dinheiro e ainda esculhaça a gente.***

Adriano, traficante:

*Todo mundo sabe que a (incompreensível) não tá no bandido, tá nele. No caso, me prendendo, levando eu pra delegacia, **tentando extorquir** pra ganhar o que eu tenho, ele já num vai ganhar só o salário dele.*

Janete, moradora:

*Às vezes, quando um garoto da comunidade é preso, em vez de eles descerem e levar o garoto pra delegacia, eles levam mais pra cima do morro. As mulheres, mães, primas, irmãs tem que ir atrás, entendeu. Pra evitar que aconteça qualquer coisa. Porque, nessas alturas, **você imagina que o garoto pode tá sofrendo alguma agressão ou execução.** A gente vai atrás, a gente briga, a gente chora, eles empurra, pede pra gente descer, mas a gente nem descendo porque a gente sabe que vai acontecer. E aí a gente fica junto deles pra que não possa acontecer nada. Aí no fim eles acabam descendo com o garoto, levando pra delegação, pra ver se realmente tem alguma coisa. Porque, **às vezes, os policiais sobem não pra prender, mas sobem pra matar.***

Hélio Luz, delegado:

*“Eu digo, não precisa me dizer. **A polícia é corrupta, eu afirmo a polícia é corrupta. Esta instituição que existe é uma instituição que foi criada para ser corrupta, né?**”*

Por esses exemplos fica claro que a polícia é vista como uma entidade corrupta, violenta e criminosa. A ocupação do morro pelo crime organizado minimizou o poder da polícia. Por outro lado, há a consciência de que o tráfico pode ser perigoso e de que ele não substitui o Estado no que diz respeito às obrigações sociais:

Janete, moradora:

Os traficantes ajudam a comprar um remédio, mas se acharem que a gente está agindo errado, eles são capazes de matar, esquartejar e exibir pra todo mundo só pra servir de exemplo.

Hélio Luz, delegado:

O tráfico não transforma nada. Eles é que perdem com isso”. O tráfico não substitui o Estado. Pode ajudar um ou outro, mas ele não tem o nível de substituir o Estado no morro, é cascata, é mentira.

Vários depoimentos de *Notícias* apontam os motivos pelos quais crianças e jovens entram no tráfico. Entre essas motivações destacam-se a questão do emprego, do salário, e do prestígio.

Janete, moradora:

Ele tá querendo se envolver. Sabe por causa de quê? Porque ninguém tá querendo mais esse salário de miséria.

Hélio Luz, delegado:

Então ele vai pra lá. Pra ganhar um salário mínimo é 112, e lá, é, ele oferece 300 por semana pro garoto. O garoto vai trabalhar com ele. Ele escolhe. É lógico que ele escolhe.

Itamar Silva, líder comunitário:

Eu acho que essa juventude ... tá buscando uma afirmação muito forte. Eu acho que o tráfico oferece um respeito que ele não tem quando opta por ser um entregador de remédio da farmácia. Esse poder que ele acha que tem sobre uma sociedade que não reconhece seu valor.

Hélio Luz, delegado:

O coração vibra, não vibra? Alguém nosso pode ser gente, alguém nosso pode comprar um carrão, alguém nosso pode ter cinco mulheres. Um de nós conseguiu chegar e se dar bem na vida.

Francisco, traficante:

Porra, me senti o dono do mundo (incompreensível) segurei a primeira arma, me senti o dono do mundo. É mais ou menos um monte de mulher fica te olhando, fica dando em cima

Por último, chamamos atenção para um fato que transparece de forma muito discreta em *Notícias*: a omissão em relação aos consumidores de drogas. Na abertura, o locutor fala:

Locutor:

A polícia federal estima que hoje o comércio de drogas empregue 100 mil no Rio, ou seja, o mesmo número de funcionários da prefeitura da cidade, nem todas essas pessoas moram em favelas.

Os fatores sociais e a enorme quantidade de material jornalístico veiculado na mídia apontam para o fato de que a maior parte das pessoas envolvidas no tráfico de drogas, no caso do Rio de Janeiro, mora nos morros. Falar em ‘maior parte’, no entanto, não implica falar em totalidade. Muitos dos consumidores de drogas, por exemplo, pertencem à classe média e não moram em favelas. O documentário não entrevista os consumidores de drogas. Esse fato

chama a atenção. Talvez essa atitude seja intencional, no sentido de entrevistar apenas os segmentos mais diretamente envolvidos no confronto armado- o traficante, o policial e o morador -, pois são eles que sofrem as conseqüências diretas dessa ‘guerra’.

Cansaço

A tese central defendida pelos documentários analisados é a de que, tanto o conflito gerado pelo tráfico de drogas no Rio de Janeiro, como os crimes cometidos no município de Camaragibe configuram-se pequenos cenários de guerra. Guerras particulares, privadas, as quais o Estado assiste de longe. A maioria dos moradores, policiais, traficantes e justiceiros parecem cansados. Eles não acreditam que as coisas vão mudar, trata-se de uma guerra sem fim.

Gordo:

*Eu tomei penitenciárias armado, por exemplo, metralhadoras, revólver, granada, pistola, eu assaltei delegacias, eu assaltei camburão. **Pra quê? Que história eu fiz? Crime é história, não é história.***

Capitão Pimentel:

*É, chego em casa, às vezes de uma operação até difícil [...] As nossas famílias nem pergunta mais como é que foi meu dia [...] Nem pergunta mais. Desse jeito, **to cansado.***

Justiceiro

Você mata uma alma sebosa, amanhã tem dois, três, no mesmo lugar. Sempre tem, é uma batalha grande, pô!

Helinho

*A malandragem sempre começa com um, mas termina com dez. **E se matar um, tem que matar todos.** Se matar um, matar dois, três, se junta dois, três que está vivo, já começa a conhecer outros piores.*

Enfim, os documentários analisados mostram que a pobreza, o desemprego e a falta de educação alimentam o desenvolvimento da marginalidade e da delinquência. A cidadania deixou de ser uma garantia de vida, pois, perderam-se os sentidos de igualdade e coletividade. Diante do descrédito generalizado em relação às instituições sociais - como o Governo, a Polícia e mesmo a Igreja – a sociedade vive uma crise de valores. Para enfrentar os temores e os problemas que se instalam, organiza-se de modo particular, em micro-estados. Traficantes e justiceiros passam a fazer suas próprias leis, diante um Estado historicamente ineficiente. Essa realidade é tão forte, tão gritante, tão difícil de solucionar que, ao que parece, no antigo lugar do país da harmonia, é a violência que ficará por um bom tempo como a representante máxima da cara do Brasil em filmes de caráter documental.

Referências

- BAKHTIN, M. (Volochinov). 1992. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6ª. ed. Trad: Michel Lahud e Yara Frutreshi Vieira. São Paulo: Hucitec.
- COHN, A. 2000. *Políticas Sociais e Pobreza no Brasil*. (mimeo), 17p.
- DAMATTA, R. 1997. *A Casa & a Rua*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- HERSCHMANN, M. 2000. “As imagens das galeras funk na imprensa”. In: PEREIRA, C. A. M. et alli. *Linguagem da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, pp.163-96.
- LEMOS, A., AZEVEDO, E. e BRITO, M. “A articulação das linguagens da violência no Rap do Pequeno Príncipe”. http://www.geocities.com/pistache_online
- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. 1990. *Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp.
- ROCHA, R. 2000. *Uma cultura da violência na cidade. Exemplos brasileiros*. (mimeo) 14p.
- RONDELLI, E. 2000. “Imagens da violência e práticas discursivas”. In: PEREIRA, C. A. M. et alli. *Linguagem da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, pp.144-62.
- SCHØLLAMMER, K. 2000. “Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira” In: PEREIRA, C. A. M. et alli. *Linguagem da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, pp. 236-59.